

SUSANA FORTES

A MARCA DO HEREGE

Tradução de Helena Pitta

I

«Santíssimo sacramento!» Foi esta a exclamação que utilizou o padre Barcia, deitando as mãos à cabeça, quando descobriu um charco negro nas lajes de mármore junto ao altar-mor. Mas até o potente foco de uma lanterna iluminar aquele recanto da capela, ninguém tinha reparado na morta. Estava encostada à proteção de madeira do coro, com a cabeça pendendo sobre o ombro numa torção excessiva, quase desconjuntada, e com o cabelo caído para um dos lados. Cabelo comprido e ruivo. Tinha um pequeno hematoma violáceo no pescoço e os olhos abertos. Não tinha as feições convulsivas, como seria de esperar em alguém que sente terror ou outra emoção intensa antes de morrer. A sua expressão era, pelo contrário, plácida, quando muito um pouco cansada. Parecia muito jovem, não mais de vinte anos. Tinha um *piercing* na sobrancelha esquerda. Pela sua indumentária, não aparentava ser o tipo de rapariga que se imaginaria a rezar o terço na catedral. Vestia de maneira informal, tal como a maior parte dos estudantes dessa idade. Blusão de cabedal com fechos, saia curta, *leggings* com riscas vermelhas e uns ténis *Converse* bastante usados. Uma crosta de sangue seco espreitava pela comissura dos lábios, como se no momento derradeiro lhe tivesse sobrevindo um vômito de sangue. A hemorragia deve ter sido importante, a avaliar pelo charco no chão e pelos coágulos que

tinham salpicado o tapete. Talvez um mecanismo reflexo do corpo no estertor final. O sangue também tinha manchado um genuflexório e encharcado completamente a camisola de algodão com a cara do Che Guevara que a rapariga tinha vestida.

– Rebutaram-na por dentro – disse o médico-legista depois de uma primeira vista de olhos. O sotaque galego denunciava a sua origem rural. Fechado mas subtil, como um dilema.

Era um homem corpulento, de uns cinquenta e tal anos, envolto num *anorak* largo verde-escuro, com o cabelo prematuramente branco que lhe dava à cabeça um aspeto escarpado de pedernal de quartzo. Alguma coisa nas sobranceiras lhe conferia uma expressão trocista. Mais do que um médico-legista, parecia um lavrador. Olhos pequenos e astutos, frequentemente receosos, como de camponês que pressente granizo, ar bonacheirão, pele curtida do Norte e umas mãos largas que costumava ter sempre metidas nos bolsos.

– Então, a marca do pescoço?... – perguntou o comissário.

– Não sei. O que te posso dizer é que o estrangulamento não provoca uma hemorragia interna com estas características – respondeu, descolando as luvas de borracha com um estalido desagradável.

– Provavelmente perdeu o conhecimento antes do fim – acrescentou em voz baixa, como se, mais do que uma opinião pericial, estivesse a expressar um desejo privado, a esperança de que o desmaio lhe tivesse servido de anestesia e não tivesse sofrido muito.

Arias não era um tipo impressionável. Devido à sua profissão, estava habituado a ver de tudo. Mas a juventude da rapariga, com aquela expressão de princesa de história infantil, atingira-lhe a veia sentimental.

O comissário Lois Castro conhecia-o o suficiente para adivinhar os seus pensamentos. Embora não fosse crente, também ele não se sentia bem ali dentro. Tinha uma vaga sensação de profanação, com os seus polícias a deambularem tranquilamente por aquele recinto sagrado com cheiro a incenso, a recolherem impressões digitais e a tirarem fotografias de todos os ângulos. Uma das absides parecia estar em obras, com um andaime colocado mesmo em frente do retábulo. As vozes dos agentes eram enaltecidas pelo eco dos *flashes* sob a abóbada de aresta. O comissário protestou uma única

vez para que baixassem o tom de voz e os rapazes obedeceram, confusos. Castro era um tipo com autoridade. Para isso contribuía, sem dúvida, a sua voz grave e a reputação de cão de caça de todos conhecida. Magro, ossos compridos e cara de poucos amigos. Usava o cabelo cortado à navalha e trazia-o ainda molhado, tal como a gabardina que conservava sobre os ombros, ao mesmo tempo que dava instruções para um lado e para o outro e se deslocava com grandes passadas de uma ponta a outra da capela-mor da catedral, dominada por uma escultura sedente em madeira do apóstolo vestido de peregrino, com esclavina e bordão de prata.

– Está morta há quanto tempo? – perguntou ao médico-legista.

– É cedo para saber – Arias inclinou-se sobre o corpo com ar taciturno –, mas, assim a olho, dava-lhe umas dez horas aproximadamente.

O comissário estendeu o braço para consultar o relógio.

– Isso coloca-nos mais ou menos perto das nove horas da noite de ontem.

O próprio deão da catedral tinha avisado a esquadra às sete da manhã quando, de repente, deparou com o cadáver enquanto se preparava para o primeiro serviço religioso do dia. Ou a rapariga se tinha enfiado nalgum esconderijo no interior da catedral quando os seguranças fizeram a ronda antes de fecharem as portas ou, então, conseguira entrar mais tarde, vinda de fora, o que em princípio parecia menos provável. Talvez alguém lhe tivesse facilitado a entrada no recinto por alguma razão, possivelmente o seu presumível assassino. Não havia muitas outras possibilidades.

O padre Barcia ainda estava ali, pequeno e carrancudo, com os seus sapatos enormes de padre velho, a sotaina coçada e uma expressão de extremo cansaço que tanto podia dever-se ao susto como à exasperação que lhe provocava ver tantos polícias a cirandar à vontade pelos seus domínios. Estava a um canto, com as costas apoiadas na parede de pedra, calado e absorto, como mais um daqueles ex-votos de cera assentes nos nichos das oferendas.

– É melhor ir até casa e beber alguma coisa quente – ordenou-lhe Castro amavelmente quando reparou nele, dando-lhe uma palmadinha no ombro. O cabeção dificultava o ligeiro tremor do queixo

que o velhote não conseguia controlar. Além disso, tinha os olhos embaciados por um véu de linfa, o que acentuava ainda mais o seu aspeto de desamparo senil. – Receio que hoje tenhamos de cancelar os serviços religiosos – continuou o comissário. – Avisá-lo-emos, quando for altura de recolher o seu depoimento.

Dois polícias fardados tinham isolado o cruzeiro e a entrada da capela com fitas amarelas de plástico. Tinham fechado também a passagem lateral pelo deambulatório da charola, a que os peregrinos acediam para darem o abraço tradicional ao apóstolo pelas costas. Ainda bem que não era ano santo. Pelo menos durante uns dois dias o culto na catedral ia ser seriamente afetado. Não é que isso fosse causar grandes contrariedades à vida pastoral da cidade, mas, tratando-se de Santiago de Compostela, era melhor não tentar o diabo. Pelo menos era o que Castro pensava, por isso mandou o mais diplomático dos seus homens parlamentar com um pequeno grupo de velhas que, como todas as manhãs à mesma hora, se sentava nos bancos traseiros da nave lateral para ouvir missa.

De pé atrás do baldaquino barroco, o juiz de instrução ditava as diligências ao seu secretário, que escrevia com o computador portátil em cima dos joelhos, sentado num degrau da escada que dava para a capelinha do apóstolo e que, pelo outro lado, descia até à cripta onde, segundo a tradição, descansavam as relíquias do santo numa urna de prata. O ruído das teclas pontoava a sua voz monocórdica que fazia uma relação de todos os pormenores, até dos mais insignificantes. No entanto, ninguém se apercebeu da anomalia nos pés da morta até Arias se ter dado conta de que ela tinha os ténis *Converse* calçados ao contrário, o do pé direito no esquerdo e o do esquerdo no direito. Um pormenor sem importância aparente, mas que fez o juiz de instrução torcer o nariz. Havia um livro de filosofia no chão e um bloco de argolas de capa azul com um autocolante do grupo de *hip-hop* Violadores del Verso. Castro deu uma vista de olhos ao interior.

Uma rapariga aplicada, pensou ao ver os apontamentos perfeitamente datados por dia numa caligrafia primorosa. Mandou incluir o caderno no processo de instrução e foi juntar-se ao médico-legista que acabara de aparecer à porta para acender um cigarro. Era uma

entrada de serviço que dava para a loja de recordações, na plaza de la Quintana, onde se vendiam conchas de vieiras, postais, medalhinhas, incensários em miniatura e outros objetos do mesmo estilo. A verdadeira Porta Santa ficava a alguns metros dali, sempre fechada a sete chaves, exceto em ano santo. Era ali que antigamente se davam as cédulas que acreditavam os peregrinos e que lhes permitiam hospedar-se gratuitamente no Hospital Real.

– O que achas? – perguntou-lhe, chegando ao seu lado.

Antes de responder, Arias demorou o tempo necessário para puxar o fecho do *anorak* até ao pescoço. A curva da charola aumentava o efeito das correntes de ar naquela esquina.

– Nada – respondeu, pigarreando.

A prudência de opinião era um traço de profissionalismo que o médico-legista costumava levar até às últimas consequências; isso, aliado à sua condição de galego, significava que dali ninguém arrancava nada.

– Como, nada? – agitou-se Castro, inquieto. – Alguma coisa deves achar. Não encontramos raparigas mortas na catedral todos os dias.

– O que queres que te diga? – respondeu-lhe Arias. Colocou um cigarro entre os lábios e procurou o isqueiro. – Nem sequer sabemos como se chamava...

– Patricia Pálmer – respondeu Castro de imediato. – Estudante do terceiro ano de Filosofia; acabei de o ver no seu caderno de apontamentos. Ao que parece, a última aula a que assistiu versou sobre a teoria dos mitos e dos símbolos.

O médico-legista esboçou um gesto com as sobranceiras que podia interpretar-se como de interesse ou curiosidade, mas não se mostrou muito disposto a fazer conjeturas.

– Com a autópsia saberemos mais alguma coisa – resmungou, coçando uma sobranceira.

O comissário voltou-se para ele a resfolegar como um touro de lide.

– Já sei que com a autópsia saberemos mais alguma coisa – pespegou-lhe, desabrido. Às vezes Arias dava-lhe cabo da paciência. – O que quero é que me dêes uma primeira opinião. Deves ter alguma...

– Castro bateu várias vezes com os pés no chão para afugentar o frio, resignado a tirar as suas próprias conclusões enquanto praguejava em silêncio com os olhos cravados na trama de losangos formada pelos ladrilhos.

Quando já achava improvável obter alguma resposta, o médico-legista olhou novamente para o interior, onde estava o cadáver da rapariga, estendido agora sobre um oleado, e expeliu o fumo todo de uma vez.

– Não me agrada, se queres saber – disse.

Tinha parado de chover, mas o ar ainda estava denso, com vestígios de humidade e farrapos de neblina. Castro olhou inquieto para as janelas gradeadas e cinzentas do convento de San Pelayo com a sua clausura de séculos. Tanto a plaza de la Quintana como a sua escadaria estavam desertas àquela hora da manhã, iluminadas apenas pelos clarões azuis de um carro-patrolha que brilhavam, intermitentes, na esquina das arcadas.

Foi nessa altura que se lembrou da canção do peregrino:

Todos os caminhos do mundo acabam em ti.

Nas tuas pedrasavas sangue de séculos que morrem aqui.

– Porra – disse. – Bela maneira de começar o dia.